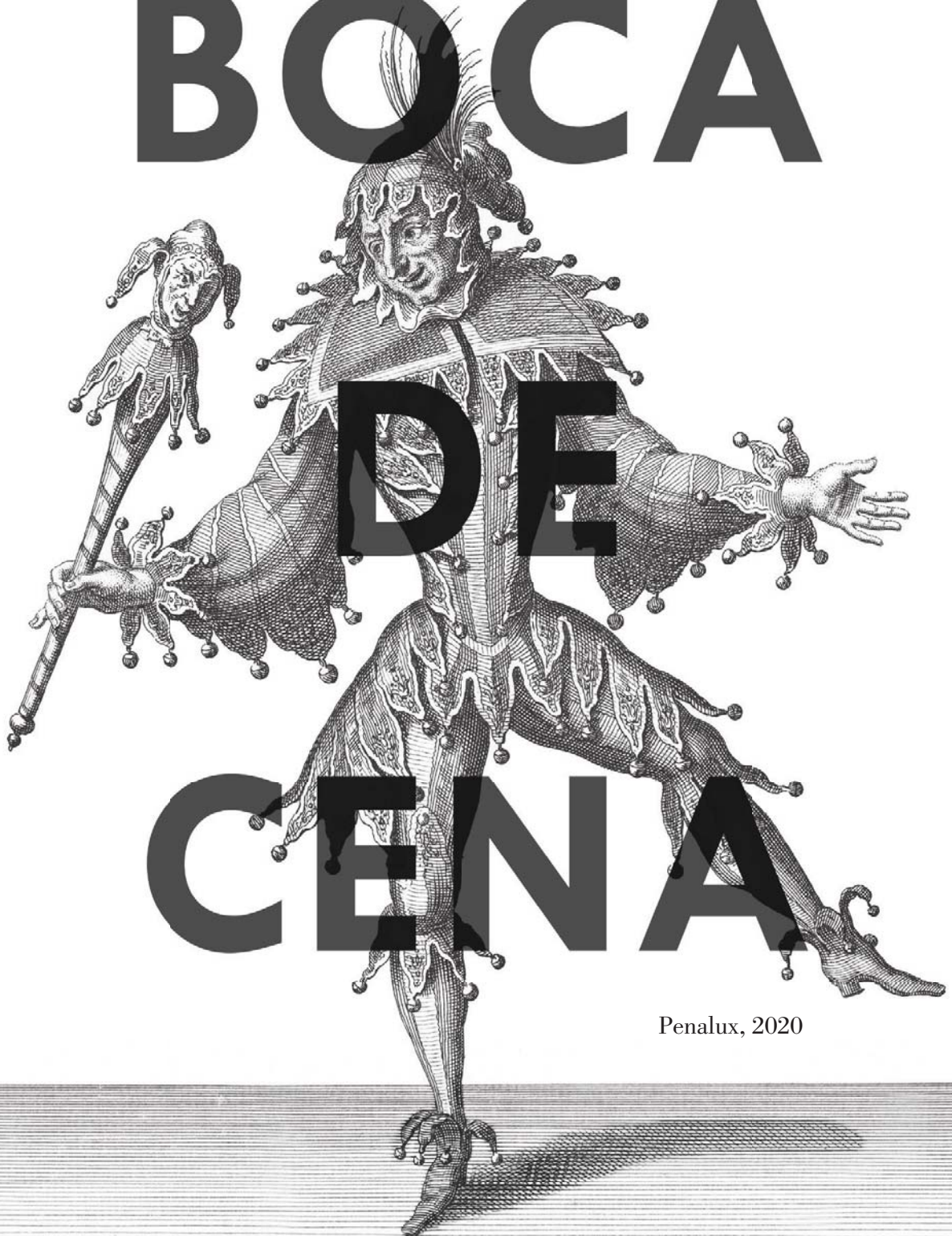


Alfredo Rossetti

**BOCA**



**DE  
CENA**

Penalux, 2020

## PREFÁCIO

### I

BOCA DE CENA, de Alfredo Rossetti, é um livro de poesias dividido em três atos (ESCREVER, PENSAR e FLANAR), sem ser propriamente uma criação dramática. A metáfora maior da obra é mais ou menos clara, no sentido de que a vida é um teatro no qual estamos à procura do autor para compreendermos nosso papel, como na obra de Pirandello, que, aliás, fornece a epígrafe para o livro. Todos sabemos como é difícil desempenhar um papel quando não conhecemos o sentido da peça.

A singularidade de sua escrita está no manejo do verso, no manuseio do *enjambement*, na depuração do estilo pela vivência da escrita e da leitura, na capacidade de concentrar no verso o que vive disperso no ser e na vida.

Os temas abordam questões sobre o fazer poético, a depuração do cotidiano via poesia, a multiplicidade do ser, a procura da unidade entre a *persona*, a máscara social, e a pluralidade interna.

PRIMEIRO ATO

# ESCREVER

*Vou, no colo da poesia, voo.*

## NÓS E EU

Se me quiseres junto, aviso  
Que não venho só – não sou só.  
Tenho meus sonhos, envoltos em mim,  
Como a casca da cortiça no sobreiro,  
Malha colante do corpo ensopado  
De tentativas vãs, todas símbolos  
Das horas roubadas durante o tempo  
Em que deixo de viver e invento  
Vários jogos sobre o que me cerca.  
Todos (ou a maioria) de retificação.

Se me quiseres por perto, previno  
Que a metade do que vivo passo  
Sonhando com a outra metade:  
A que aparenta o que deveria ser.  
Entre as duas uma linha cega  
Divide todas minhas andadas;  
Não se confrontam nem querem.  
Apenas delimitam o que sinto:  
Que uma morre por conduta  
Na procura do *ad multo anos*,

E a outra, de sorte etérea,  
Canta e se resguarda em versos.

A do chão é uma espécie de nós,  
E não se reluta em sorrir ao Sol.

Mas, a das sombras das palavras,  
Só se mostra como um eu de asas.

## A CADEIRA

Minha cadeira perde-se no quarto.  
Deve ficar contra o sol para que  
A claridade se derrame nos versos  
Do papel. Eles estão onde estão  
E têm de aí permanecer; clarão.  
Mas minha cadeira por ser minha,  
Hesita. Cada vez ocupa um reino.  
Objetos se mostram ariscos, dúbios  
Em minhas mãos, neste momento  
De fronteiras, sejam as geográficas  
Ou outras mais intensas; alçapões.

## TARDE MORNA

Porque estou bem a poesia não arde.

O sorriso jacta sombra à angústia.

Não há retorno de onde se foi.

Porque estou bem e a tarde reluz.

Olhos abertos se saúdam, sorriem.

Enquanto as palavras hibernam.

## NO TÚNEL DA NOITE

Dois versos colaços olham entre si  
E arfam em tristeza boêmia um calor  
Íntimo que ferve qualquer lembrança  
Sem vida: daquelas em déficit de fogo.  
Alguns atos hoje perdidos nas marés  
Dos não feitos, doídos de inações,  
Não se justificam. Velam fatos perdidos  
E círios de submersas chamas. Tentam  
No túnel da noite no dístico da redenção,  
Serem novamente palavras apenas,  
Sem a subjetividade fugaz do poeta.





[www.alfredorossetti.com](http://www.alfredorossetti.com)  
[alfredorossetti60@gmail.com](mailto:alfredorossetti60@gmail.com)  
[contato@alfredorossetti.com](mailto:contato@alfredorossetti.com)  
[facebook.com/alfredo.rossetti.3](https://facebook.com/alfredo.rossetti.3)  
[twitter.com/poetadaesquina](https://twitter.com/poetadaesquina)



**LIVROS ILUMINAM**

---

Este livro foi composto em Bodoni Std para a  
Editora Penalux, e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em junho de 2020.

---